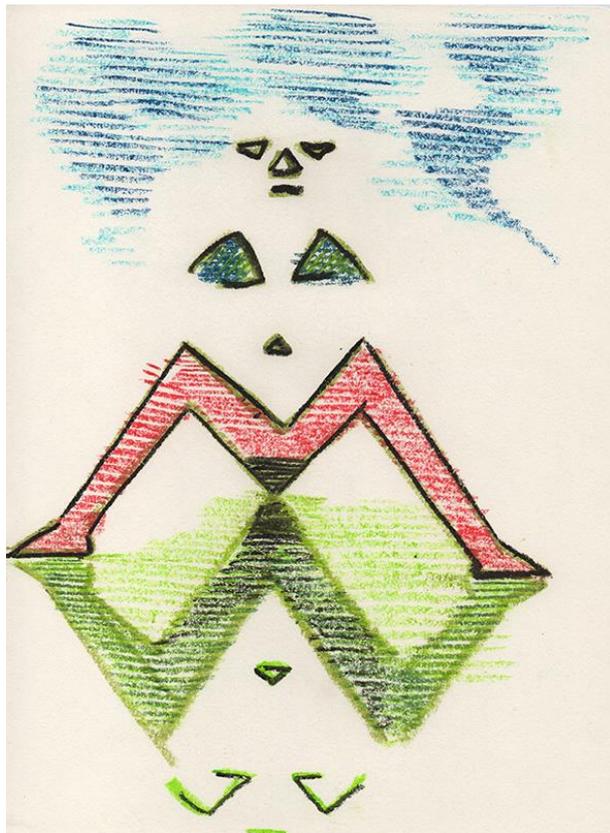


COMUNICADO DE IMPRENSA // GALERIA CAROLINE PAGÈS



Mattia Denisse, Zoom: a mulher geométrica; a guerra das formas: compêndio de geometria clitoridiana, 2016, pastel de óleo sobre papel, 25 x 19 cm

**Mattia Denisse com
João Maria Gusmão & Pedro Paiva**

Deus Verme

Inauguração Sexta-feira, 23 de Junho às 22h

23 de Junho – 23 de Setembro, 2017

Galeria Caroline Pagès

Rua Tenente Ferreira Durão, 12 – 1º Dto.

[Campo de Ourique]

1350-315 Lisboa, Portugal

T [+351] 21 387 33 76

M [+351] 91 679 56 97

gallery@carolinepages.com

www.carolinepages.com

Aberto das 15h às 20h, de terça-feira a sábado, e por marcação.

[...] No início dos inícios, o universo não tinha cores. A terra, as folhas, os troncos, eram cinzentos. Os animais eram cinzentos, só a pantera era negra. As águas eram brancas como leite, ou pretas. O céu branco refletia-se nas águas pretas. Por isso de dia a água era branca. Existiam centenas de palavras para descrever todos os tons de cinzento. Os primeiros habitantes, apesar de terem tudo o que precisavam, comida, água e liberdade absoluta,

eram tristes. Só se morria de indiferença. O homem e a mulher tinham um regime alimentar distinto. O homem era herbívoro, pastava folhas e ervas, e como a vaca ou a ovelha, ruminava. A mulher era frutívora e passava a maior parte do tempo no topo das árvores. A mulher desenvolveu-se mais rapidamente devido a sua alimentação. Foi ela que se apercebeu que o homem morria de tristeza...

Um dia, a mulher chegou ao pé de uma árvore gigante. Só tinha um fruto, o mesmo desde o início do mundo. A mulher sabia perfeitamente que não o podia comer, não por ser proibido, ou por ser único, mas por estar envenenado. Dessa forma contentou-se em perfura-lo com uma agulha. Dentro do fruto, triângulos e quadrados de todas as cores existiam em interação permanente. Quando as formas viram a ponta da agulha atravessar a casca que os separavam do resto do mundo, e a seguir, a abertura deixada por ela, precipitaram-se para o outro lado. De acordo com os fundamentos da física dos vazios, foram energeticamente cuspidos pela retração súbita e intempestiva da casca. As cores, mais leves que as formas, espalharam-se na superfície das coisas, e os triângulos e os quadrados, agora nus, refugiaram-se dentro da cabeça de um homem que por lá passava, ruminando. [...]

Mattia Denisse

(Excerto do catálogo *Teoria Extraterrestre* publicado por Mousse Publishing, Milan, 2014-15)

Mattia Denisse (Blois, França, 1967), vive em Lisboa desde 1999, ano em que expõe pela primeira vez em Portugal, na Galeria Zé dos Bois. Desde então tem exposto com regularidade por todo o país em diferentes galerias e instituições. Em 2011 foi bolseiro do Museu Calouste Gulbenkian e em 2016 apresenta pela primeira vez o projeto *Duplo Vê*, projeto que assume diferentes formatos (exposições, um livro e um site) e que tem sido apresentado em diferentes espaços desde então.

Das suas exposições individuais destacam-se *Duplo Vê* (2017) na Galeria Zé dos Bois, Lisboa; *Quarto de Espanto – Em torno da Coleção CGD*, com curadoria de Bruno Marchand (2017) no Centro de Cultura Contemporânea, Castelo Branco; *Duplo Vê* (2016) na Casa das Histórias – Museu Paula Rego, Cascais; *Histórias Assíptotas do Homem Sem Cabeça, da Mulher Geométrica, do Macaco e da Morte* (2014) na Galeria Bessa Pereira, Lisboa; *O CONTRA-CÉU – Ensaio sobre o Hiato*, com curadoria de Natxo Checa (2010) na Galeria Zé dos Bois, Lisboa e *As ilhas desertas* (2008) na Galeria Graça Brandão, Porto. Neste período, expôs também individualmente em Cabo Verde e no Brasil.

Das exposições colectivas salientam-se *Oracular Spectacular – Drawing and Animism*, com curadoria de Nuno Faria (2015), Centro Internacional das Artes José de Guimarães, Guimarães; *Unitasking*, com curadoria de François Piron (2014), Temporary Gallery, Colónia, Alemanha; *Em direto*, com curadoria de Paulo Miyada (2013), SESC Sorocaba, Brasil; *A vertigem do relato sobre o transitório: quando o processo também está nas páginas*, com curadoria de Galciani Neves (2012), Museu Lasar Segall, São Paulo, Brasil e *Small is Beautiful* (2010), Galeria Caroline Pagès, Lisboa.

Desde 2009 que colabora com João Maria Gusmão e Pedro Paiva: editou o catálogo da Bienal de Veneza (2009) e escreveu para *Abissologia* (DGartés, 2012) e *Teoria Extraterrestre* (Mousse, 2015). Publicou os livros *História Fantástica do Mergulho* (Inland jornal, 2015); *Quem procura acha* (Mov Palavras, Brasil, 2015); *Compêndio de Geometria Clitoridiana* (Bessa Pereira, 2014); *Câmara de Decompressão* (Dois Dias edições, 2011) e *Logo depois da vírgula* (Ed. autor e Barbara Says, 2011). Destacam-se as residências de criação artística e literária (2007; 2011) na Galeria Zé dos Bois, Lisboa; Hangar (1999), Barcelona; e FAAP (2013), São Paulo.

João Maria Gusmão (Lisbon, 1979) & **Pedro Paiva** (Lisbon, 1978)

As últimas exposições individuais dos artistas tiveram lugar na Fábrica Oliva, São João da Madeira, Portugal (2017); Aargauer Kunsthhaus, Aarau, Suíça (2016); Haus der Kunst, Munique, Alemanha (2016); KW, Berlim, Alemanha (2015); Kölnischer Kunstverein, Colônia, Alemanha (2015); REDCAT, Los Angeles, USA (2015); Camden Arts Centre, Londres (2015) e HangarBicocca, Milão, Itália (2014).

Recentemente, eles participaram em exposições colectivas na Galeria ZDB, Lisboa, Portugal (2017); Galeria Municipal do Porto, Portugal (2017); Kunsthalle Wien, Viena, Áustria (2017); S.M.A.K. Citadelpark, Ghent, Bélgica (2017); Centre Pompidou-Metz, Paris, França (2017); Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid, Espanha (2016); Century Minsheng Art Museum, Shanghai, China (2016); Berardo Museum, Lisboa, Portugal (2016); Mudam Luxemburgo, Luxemburgo (2015); Fondation Calouste Gulbenkian, Paris, França (2015); MMK Frankfurt, Alemanha (2015); MACBA Barcelona, Espanha (2015); Salzburger Kunstverein, Salzburgo, Áustria (2015); Mamco, Genebra, Suíça (2015); MAM, Museu de Arte Moderna Rio de Janeiro, Brazil (2014); Collection Lambert, Avignon, França (2014); WIELS, Bruxelas, Bélgica (2013); *The Encyclopedic Palace and Future Generation Art Prize*, 55th Venice Biennale, Veneza, Itália (2013); Palais de Tokyo, Paris, França (2013); Neue Gesellschaft für Bildende Kunst, Berlim, Alemanha (2013) e no Institut d'Art Contemporain, Villeurbanne, França (2013).

A sua obra está representada nas colecções institucionais e públicas seguintes: Tate Modern, Londres; Mudam, Luxemburgo; Musac, Leon, Espanha; GAM, Bergamo, Itália; Calouste Gulbenkian Museum – Modern Collection, Lisboa; Berardo Museum Collection, Lisboa; Serralves Museum Foundation, Oporto, Portugal; MNAC, Lisboa; Frac, Île-de-France, França; Centre National des Arts Plastiques, Paris.

